

ARTIGO

A TRAGÉDIA DE INÊS DE CASTRO:

uma leitura semiótica do conto "Teorema", de Herberto Helder*

INES DE CASTRO's TRAGEDY:

a semiotics reading of the tale "Teorema" from Herberto Helder

LA TRAGEDIA DE INÉS DE CASTRO:

una lectura semiótica del cuento "Teorema" de Herberto Helder

Teresinha de Jesus Baldez e Silva

Resumo: Propõe o artigo uma análise linguística do texto "Teorema", de Herberto Helder, sob uma perspectiva semiótica. Objetiva demonstrar os procedimentos e os mecanismos internos de estruturação do texto que se manifestam no discurso por meio de um percurso gerativo. Privilegia, desse modo, com base na semiótica como uma teoria geral da significação, a hierarquização do plano de conteúdo que estabelece níveis de abstração como foco principal para determinar a constituição do sentido.

Palavras-chave: Semiótica. Mito. Inês de Castro.

Abstract: This article aims at linguistically analysing the text "Teorema", by Herberto Helder, under a semiotics perspective. It intends to demonstrate the inner procedures and mechanisms of the text organization which are manifested in the discourse through a generated route. It spots, thus, the hierarchization of the content planning, which establishes levels of abstraction, as a main focus to determine the meaning constitution. The paper considers the semiotics as a general theory of meaning.

Keywords: Semiotics. Myth. Inês de Castro.

Resumen: El artículo propone un análisis lingüístico del texto "Teorema", de Herberto Helder, bajo una perspectiva semiótica. Su objetivo es demostrar los procedimientos y los mecanismos internos de estructuración del texto que se manifiestan en el discurso a través de un percurso generativo. Destaca, de esa manera, basándose en la semiótica como una teoría general de la significación, la jerarquización del plan de contenido que establece niveles de abstracción como el foco principal para determinar la constitución del sentido.

Palabras clave: Semiótica. Mito. Inés de Castro.

1 INTRODUÇÃO

O conto "Teorema," de Herberto Helder, publicado em 1963 no livro *Os passos em volta*, reconduz à cena a história de Inês de Castro e seu amante, o futuro rei de Portugal - D. Pedro. Seu pai, Afonso IV, fez opção pelo assassinato da amante do próprio filho por temer os laços amorosos entre o príncipe (que só em 1537 com a morte de Afonso IV assumiu o comando dos destinos de Portugal) e a dama galega, já que receava a crescente influência castelhana que poderia abalar a independência de Portugal.

Muitos foram os relatos historiográficos, como a crônica de Fernão Lopes, os quais substanciaram esse mito que povoa o imaginário lusitano, podendo-se citar, ainda, as releituras literárias de Camões, Antonio Ferreira,

Antonio Patrício, dentre outras. Entretanto, a narração de Herberto Helder destaca-se das produções anteriores por narrar não a morte de Inês, mas a morte de Pero Coelho, um dos carrascos de Inês, a partir do seu próprio ponto de vista. Trata-se de construir uma nova história, surgindo uma nova versão em que as anteriores estão presentes. É nesse contexto que este trabalho pretende analisar o conto "Teorema" com enfoque nos principais conceitos-chave da semiótica.

2 O UNIVERSO SEMIÓTICO

A semiótica define o sentido por uma rede de relações na qual os elementos do plano do conteúdo só adquirem sentido a partir das re-

*Artigo recebido em setembro 2012
Aprovado em dezembro 2012

lações que se estabelecem entre os elementos do plano de expressão. Enquanto teoria do discurso, parte do pressuposto de que os textos possuem esquemas de organização discursiva comuns, apesar de haver características específicas que os individualizam.

Assim, investiga a semiótica os mecanismos e os procedimentos de organização textual no plano do conteúdo, “procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 1997, p. 7), ou seja, o sentido em todas as suas formas de manifestação discursiva. Não se preocupa, portanto, com a descrição das estruturas frasais, mas com uma abordagem de cunho semântico, ao romper o domínio da frase e considerar o texto em sua totalidade, ou seja, como uma unidade textual.

Em função de a significação ser central para as ciências humanas, a semiótica concebe, ainda, o processo de produção de sentido de um texto como um percurso gerativo que se estende do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto em um contínuo processo de enriquecimento semântico. A narrativa consubstancia-se, desse modo, como uma sucessão de estados que vão se modificando ao longo do seu percurso.

Nesse sentido, tal organização hierárquica – o percurso gerativo de sentido – possibilita a um texto ser interpretado e analisado em diferentes níveis de abstração. Assim é que se tem o nível fundamental – o mais abstrato e menos complexo, o nível narrativo – o intermediário e o nível discursivo – o mais superficial, menos abstrato e mais complexo. Tenta-se demonstrar de que forma esses níveis se manifestam no conto objeto de análise e, para tanto, emprega-se o modelo idealizado por Greimas (1973, p.11) para quem “o mundo humano se define essencialmente como um mundo de significação”.

3 A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

O narrador é o próprio assassino que fala de si mesmo, ora dizendo eu, ora Pedro (ao substituir a primeira pessoa pela terceira, empresta a sua voz não para ressaltar a sua pessoa, mas a personagem que encarna El-rei D. Pedro, o Cruel - o Cru).

Como parte integrante na hierarquização da construção de sentidos, vale considerar, inicialmente, o título “Teorema” que, segundo Houaiss (2001, p. 2697), do grego *theòrema*, atos, significa “o que se pode contemplar, objeto de estudo ou de meditação, conceito

especulativo, pelo latim *theoremata*, atis, proposição de verdade especulativa”. Já Ferreira (1975, p.1367) registra como “proposição que, para ser admitida ou se tornar evidente, necessita de demonstração”. Desse modo, trata-se de um título sugestivo, investigativo que se agrega, estrategicamente, ao texto para produzir um determinado efeito de sentido.

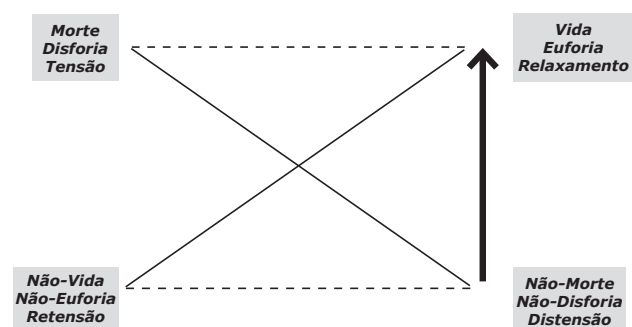
A narrativa constrói-se, na sua base, a partir de valores antagônicos que se inscrevem no texto pela relação de oposição ou diferença entre dois termos pertencentes ao mesmo universo semântico. Assim, no nível fundamental, a vida e a morte, o real e a fantasia, o mito e a história são algumas das várias oposições semânticas que comprovam como o mundo se estrutura discursivamente para construir a sua significação.

A categoria fundamental vida versus morte manifesta-se no texto por: “Matei-a para salvar o amor do rei. (...) E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso para que o teu amor se salvasse” (HELDER, 1997, p.118). É interessante observar que, no percurso gerativo de sentido, há uma inversão de valores: a morte, considerada como um valor negativo e, por conseguinte, *disfórico 1*, passa da negação da morte – não *disfórico* – à afirmação da vida – *eufórico*. Assim, tem-se uma oposição mínima de sentido:

Morte ⇒ não-morte ⇒ **vida**

A negação da morte é evidenciada, sobretudo, nos trechos “Temos fé na guerra, na justiça, na crueldade, no amor, na eternidade” (HELDER, 1997, p.119). “Somos ambos sábios à custa dos nossos crimes e do comum amor à eternidade” (HELDER, 1997, p. 120).

Do ponto de vista da foria que significa “transpor para”, trata-se de um texto *euforizante* cujo percurso, realizado por meio de operações de negação e afirmação, vai da *disforia* à *euforia* que se relaciona com a categoria *tensiva* – *tensão* versus *relaxamento* – como pode ser visualizado na adaptação do modelo do quadrado semiótico, a seguir:



Fonte: Barros apud Fiorin (2003, p. 190)

Notadamente, o episódio de Inês de Castro revela fatos e fantasias: “Foi um espetáculo sinistro e exaltante através de cidades, vilas e lugares” (HELDER, 1997, p.118). Trata-se de um espetáculo em que se configura uma encenação pela qual perpassa o imaginário, o fantástico: “Um filete de sangue escorre pelo queixo de D. Pedro, os maxilares movem-se devagar. O rei come o meu coração” (HELDER, 1997, p.120).

Ao ocorrer a transformação dos fatos ancorados em motivações históricas em fantasia, o mito invade a realidade e passa a projetar o mundo imaginário no mundo real. Desfaz-se o limite das fronteiras da verdade histórica em um processo no qual se fundem fantasia e realidade, mito e história.

No nível narrativo, as estruturas narrativas simulam a história dos sujeitos em busca de valores ou à procura de sentidos para os seus conflitos humanos. Podem ser identificados, na sintaxe narrativa, dois tipos de enunciados elementares: aqueles que mantêm uma relação de junção (conjunção ou disjunção) entre sujeitos, graças à ação também de sujeitos (enunciados de estado) e os que evidenciam as transformações, pela ação do sujeito, de um estado de um enunciado a outro (enunciados de fazer).

No texto em análise, há uma relação de disjunção entre o rei D. Afonso IV que desejava salvar o reino da influência castelhana e Inês de Castro, constante ameaça em virtude de sua ascendência espanhola e da influência de dois de seus irmãos – Álvaro Pires de Castro e Fernando de Castro – cujos anseios pelo poder atemorizavam os portugueses.

Concomitantemente, os enunciados de estado (ser) e de fazer estruturam-se em uma sequência canônica, ou seja, num modelo de previsibilidade em que se presencia: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

Observa-se que há, também, um sujeito que age sobre o outro, levando-o a querer e/ou dever fazer alguma coisa. Trata-se do rei que, enquanto destinador-manipulador, obrigou o sujeito destinatário-manipulado a cumprir um dever (manipulação por intimidação) para realizar o seu intento que era assassinar Inês de Castro – objeto de valor em jogo. Não se importava, entretanto, com os obstáculos, ou seja, com os antissujeitos, apesar de ser notório o querer do algoz: “Não tenho medo. Sei que vou para o inferno, visto eu ser um assassino e o meu país ser católico. Matei-a por amor do amor – e isso é do espírito demoníaco” (HELDER, 1997, p. 119).

Assim, o rei configura-se como o sujeito operador cujo papel é o de tornar competente o sujeito do fazer e dotá-lo de um saber (trata-se de um algoz) e/ou poder (estava a serviço do rei) para que realize a transformação central da narrativa.

No percurso da ação – performance – é que ocorre a transformação principal: o sujeito do fazer realiza a ação agindo sobre os objetos e seus valores. Convém ressaltar, na narrativa, dois sujeitos distintos: um que executa a transformação (o carrasco) e outro (Inês) que passa, *a priori*, de um estado de conjunção a de disjunção com a vida e, posteriormente, a de conjunção ao ser eternizada.

O percurso da sanção é o momento em que o destinatário-manipulado vai ser julgado pelo destinador-manipulador em função de o cumprimento ou não do acordo assumido e, consequentemente, decorre daí a sua recompensa ou punição.

Na narrativa, o sujeito transgressor – o algoz – realiza a ação, mas é punido por um terceiro elemento, o sujeito sancionador El-rei D. Pedro, o Cruel, com o qual mantém uma cumplicidade diabólica: “O rei e a amante são também criaturas infernais (HELDER, 1997, p.119). “No crisol do inferno havemos de ficar os três perenemente límpidos” (HELDER, 1997, p.121).

Uma segunda sequência se estabelece no percurso de geração de sentido da narrativa. O rei que vivia em conjunção com o amor da amante entra em disjunção com a vida e, imbuído de um desejo mortal de vingança sobre o império paterno, clama por justiça. Como sujeito destinador-manipulador, ao pregar justiça, obriga, por intimação, os sujeitos destinatários-manipulados a matar o carrasco assassino. Seduz, ainda, o povo a assistir à cerimônia de sua execução e a compartilhar da coroação de Inês como rainha mesmo depois de morta.

De fato, D. Pedro faz percorrer o cadáver da amante que fora exumado num cortejo fúnebre imponente, seguido por um ritual acompanhado de cânticos solenes e tochas de ponta a ponta do país. Configura-se como o sujeito do fazer que, ao comer o coração do assassino, passa, assim, o sangue a simbolizar a vida que se projeta para a eternidade: “D. Inês tomou conta das nossas almas. Libertasse do casulo carnal, transformando-se em luz, em labareda, em nascente viva. (...) O povo só terá de receber-nos como alimento de geração em geração” (HELDER, 1997, p.121). Desse

modo, a tradição inesiana tem lugar privilegiado na memória coletiva.

A questão não está em saber o limite da verdade dos fatos relativos à exumação, à coroação (ou consagração simbólica), ao famoso beija-mão. Na verdade, entregue ao processo de mortalidade irreversível e deteriorada, o corpo de Inês é, por obra da saudade, reposto na forma definitiva que o amor lhe plasmou. O macabro dá lugar ao sublime, ou melhor, no caso, está a serviço do sublime. (OSAKABE apud IANNO-NE; GOBBI; JUNQUEIRA, 1998, p. 111).

Nesse sentido é que se presencia, apesar de um desenlace sangrento, a conjunção do rei com o seu objeto valor – Inês. A paixão desvelada, o amor e a saudade, envolvendo mito e história, fizeram-na eterna.

A eternidade é reforçada, ainda, por um parágrafo descritivo, após se dar o ato cruel do assassinato do carrasco. Constata-se, nesse excerto, uma metonímia manifesta por itens lexicais bem demarcados em que o mito perdurou no passado, mantém-se no presente e aponta para o futuro, fundindo-se e corporificando-se:

Tombei com a face direita sobre a calçada e, movendo os olhos, posso aperceber-me de um pedaço muito azul de céu acima dos telhados. Uma pomba passa diante da janela manuelina. O cláxon de um automóvel expande-se liricamente no ar. Estamos nos começos de junho. Ainda é primavera. A terra está cheia de seiva. A terra é eterna. (HELDER, 1997, p.119-120).

O nível discursivo é a camada em que as formas abstratas do nível narrativo se revestem de termos que lhes emprestam concretividade, sendo, portanto, o mais próximo da manifestação textual.

No percurso gerativo de sentido, a organização narrativa, no nível da sintaxe, recobre os estudos referentes à actorilização, temporalização e espacialização, uma vez que as ações e os estados são narrados, respectivamente, em 1ª ou 3ª pessoa, num tempo do presente ou do passado e num espaço do aqui ou do lá que podem ser projetados tanto para fora da enunciação (debreagem) quanto para o seu interior (embreagem). Nessa perspectiva é que os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação que produz os discursos.

Assim, o texto, narrado em 1ª pessoa, cria um efeito de subjetividade e impregna-se de parcialidade, ao revelar a visão dos fatos vividos e narrados por quem os vivenciou. O enunciador consegue, desse modo, obter um efeito de aproximação de sua instância (debreagem enunciativa), quando ele projeta no enunciado os actantes enunciativos eu/tu: "Ouço as vozes do povo, a sua ingênua excitação" (HELDER, 1997, p.118); os espaços

enunciativos aqui/aí: "E Deus não é chamado para aqui" (HELDER, 1997, p.121) e os tempos enunciativos presente, pretérito perfeito e futuro do presente.

O narrador pode valer-se, por sua vez, de uma debreagem enunciativa, ao projetar no enunciado um "ele", para tentar criar uma ilusão de objetividade: "Ele diz um gracejo. Toda gente ri (HELDER, 1997, p.118)". Embora ele seja o "dono" da enunciação no discurso em 1ª pessoa, o sujeito da enunciação pode atribuir a alguém o dever e o poder de narrar o discurso em seu lugar. Há, ainda, a possibilidade de ceder a voz a atores já inscritos no discurso (debreagem interna ou de segundo grau) e, ao evidenciar interlocutores que se manifestam por meio do discurso direto, cria a ilusão de efeito de sentido de verdade.

A semântica desse nível abrange a tematização e a figurativização como níveis de concretização de sentido sob os quais a significação se constrói e como o lugar privilegiado de manipulação. O primeiro orienta-se pela recorrência a traços semânticos ou semas que são concebidos abstratamente. Tenta, dessa forma, explicar a realidade, ou seja, classificar e ordenar a realidade significativa por meio de relações e dependências. O segundo recobre os percursos temáticos e atribui - lhes os traços de revestimento sensorial. Em geral, a partir de um simulacro da realidade, cria um efeito de verdade na representação do mundo. De fato, enquanto os discursos figurativos se revestem de uma função descritiva ou representativa, os temáticos têm uma função prediativa ou interpretativa.

Assim, predominantemente temático, reconhece-se, no conto "Teorema", a tematização do amor, a negação da morte, a paixão, a saudade e a construção figurativa do rei pelos lexemas: "El – rei D. Pedro, o Cruel, está à janela... Gosto desse rei louco, inocente e brutal". (HELDER, 1997, p.117, grifo nosso).

Enfim, o discurso instaura a figura do criminoso que opera a performance principal da narrativa como sujeito que, movido por emoção, é levado a querer fazer e, cumprindo o que lhe havia sido designado, acabou sendo premiado (sanção positiva). Coube-lhe, afinal, a sua participação na encenação do ato de celebração da mitificação do eterno amor de Pedro e Inês que passa a ser integrado por uma tríade.

Convém ressaltar que um dos pontos mais marcantes, obviamente, é a surpreendente narração pelo sujeito do discurso, Pero Coelho (automeado de Coelho), que vai ser morto

e acaba morrendo, pois o narrador, sob a sua ótica, relata os fatos antes e depois de sua morte, transformando, em tom irônico, fatos grotescos em um ritual sublime. A narrativa renega, portanto, a lógica racionalista, o seu caráter universalizante, ao ser impossível alguém narrar sua própria morte (e querer ser morto, porém isto seria necessário para a construção do mito), o que pode ser facultado, entretanto, pela criação literária, dada a possibilidade de subversão dos códigos no discurso.

Nesse sentido é que Inês, sob um novo olhar, passa de vítima a ser considerada ambiciosa, uma pretensa rainha. O sujeito do discurso estabelece diálogos sociais, desse modo, que não se reproduzem integralmente, mas se renovam ao refletirem determinadas marcas históricas, sociais e ideológicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise esboçada pautou a discussão em demonstrar que o processo de significação não se circunscreve à superfície textual, distanciando-se de supostas obviedades ou transparência de sentidos. É necessário observar que é por meio dos mecanismos de construção textual que a rede de relações internas de sentido vai se estabelecendo e construindo modos próprios de dizer. Os mundos são construídos pela linguagem.

O texto justifica-se, ainda, como uma denúncia. Como aponta Mindlin (1998, p.45), “‘Teorema’ é a síntese dos dois planos (real/não real) num universo simbólico, no qual o destinador do discurso se propõe a decifrar as mensagens dissimuladas do mundo”. Trata-se, no caso, de uma proposta irreal, uma hipótese que põe em cena valores os quais contrariam o senso comum e deslocam a enunciação para outro ponto de observação.

Como pôde se comprovar, a enunciação se reconstrói tanto por meio de uma análise interna pela qual são recuperadas as pistas inscritas na seleção lexical que imprimem uma direção ao texto pela enunciação, quanto pelas relações contextuais, intertextuais do texto. Nesse último caso, assume a enunciação a função mediadora entre o discurso e o contexto sócio-histórico e ideológico.

Em síntese, o drama de Inês de Castro configura-se numa tradição mais íntima arraigada ideologicamente à cultura portuguesa. Entretanto, o narrador, ao inverter a história e desmistificar as figuras de Inês e Pedro, impõe uma reflexão sobre mito, história e ficção. E, apesar de o conto fundamentar-se numa construção motivada historicamente, uma vez que se concretiza pela presença de atores que se reconhecem como reais, os mitos não se inventam, desvelam-se e ganham, nesse caso, corporeidade na dor, na saudade, na paixão, sem as quais se esvaziariam, sendo, portanto, objeto de especulação ou investigação.

NOTAS

1. Às categorias semânticas aliam-se as categorias fônicas que possuem uma dimensão valorativa ao expressar uma relação de conformidade ou não do indivíduo com o seu ambiente físico-cultural: euforia, um valor positivo e disforia, um valor negativo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semântica do texto*. São Paulo: Ática, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GREIMAS, Algirda Julien. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1973.
- HELDER, Herberto. *Os passos em volta*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.
- HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MINDLIN, Dulce Maria Viana. “Teorema”: uma geometria literária. *Com Textos: Revista do Departamento de Letras, Mariana*, v. 8, 1998.
- OSAKABE, Haquira. A pátria de Inês de Castro. In: IANNONE, C. A.; GOBBI, M. V. Z.; JUNQUEIRA, R. S. (Orgs.). *Sobre as naus da iniciação: estudos portugueses de literatura e história*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.